

## Tradução Comentada de um artigo científico de Língua Portuguesa para Libras: Uma avaliação transformada em reflexão

*Commented Translation of a Portuguese-language scientific article for Libras: An evaluation turned into reflection*

Claudia Regina VIEIRA 

[claudia.vieira@ufabc.edu.br](mailto:claudia.vieira@ufabc.edu.br)

Universidade Federal do ABC – UFABC, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

### Resumo

Este trabalho é fruto de um estudo realizado num curso de formação de intérpretes de libras que apresentou como resultado a tradução comentada de um artigo científico, escolhido pelo estudante. O objetivo é discutir o texto, sua relevância para o estudo, uma vez que busca explicitar o processo realizado em quatro anos de curso e apresentar as reflexões realizadas para a tradução do artigo para a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Além disso, comenta-se as técnicas utilizadas para realização da tradução, trazendo os pressupostos estudados durante o Curso de Letras Libras, resgatando principalmente os autores dos estudos da Tradução e as responsabilidades do Tradutor Intérprete de Libras. Este trabalho é um processo investigativo que contou com referenciais teóricos e sobretudo experimentação para organização das estratégias para a tradução. Essa reflexão se faz necessária neste momento para que possamos olhar para as traduções em Libras que são oferecidas aos Surdos e principalmente para desmistificar a ideia que saber os sinais da Libras são suficientes para a realização de uma tradução de texto, principalmente textos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Processo tradutório, Interpretação, Textos acadêmicos, Libras.

### Abstract

*This work is the result of a study conducted in a training course of interpreters of Libras that presented as a result the commented translation of a scientific article, chosen by the student. The objective here is to discuss the text, its relevance to the study, since it seeks to clarify the process carried out in four years of course and to present*

### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 29/07/2019

Aprovação do trabalho: 15/09/2022

Publicação do trabalho: 27/09/2022



<https://doi.org/10.23925/2318-7115.2022v43i2a3>

### COMO CITAR

VIEIRA, C. R. Tradução Comentada de um artigo científica de Língua Portuguesa para Libras: uma avaliação transformada em reflexão. *The Especialist*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 36, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2022v43i2a3.

Distribuído sob Licença Creative Commons



*the reflections made for the translation and translation of the article into the Brazilian Sign Language - Libras, commenting the techniques used to perform the translation, bringing the assumptions studied during the Libras Language Course, mainly rescuing the authors of the Translation studies, the responsibilities of the Libras Interpreter Translator. This work is an investigative process that relied on theoretical references and, above all, experimentation for the organization of strategies for translation. This reflection is necessary at this time so that we can look at the translations in Libras that are offered to the Deaf and especially to demystify the idea that knowing the signs of Libras is sufficient for a translation of text, especially academic.*

**Keywords:** Translation process, Interpretation, Academic texts, Libras.

### 1. Introdução:

É importante iniciar pontuando que quando falamos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras existe uma ideia preconcebida de se tratar de uma maneira de expressar a Língua Portuguesa por meio de gestos; alimenta-se a ideia de que é preciso conhecer o sinal que corresponde diretamente à palavra em Língua Portuguesa.

Há uma longa tradição segundo a qual se pressupõe que a fala seja a modalidade primária para a representação da língua, e que, portanto, a fala seja sinônimo de língua. E uma tradição igualmente longa segundo a qual a escrita é reconhecida como um sistema secundário. Não surpreende, portanto, que quando as pessoas encontram pela primeira vez a modalidade sinalizada, elas acabem pressupondo que a relação entre fala e sinal é a mesma que entre fala e escrita. (WILCOX e WILCOX, 2005, p.33).

É necessário então pontuar que a Língua de Sinais tem uma estrutura própria diferente e independente da Língua Portuguesa, a Libras não é uma língua menor e nem uma língua inferior, mas uma língua que constitui sujeitos e garante o processo de ensino-aprendizagem dos surdos sinalizadores.

Isso tudo é muito importante para situar os estudos da tradução e os estudos sobre a tradução nas línguas de sinais, porque existe uma área de pesquisas e um conhecimento acumulado nos estudos sobre a tradução das línguas orais e conseqüentemente o reconhecimento desse grupo de profissionais tão importantes em conferências e reuniões. Como a língua de sinais não tinha visibilidade, não se pensava em utilizar esses estudos para realizar uma reflexão sobre a atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais.

Sobre isso Quadros (2004, p. 30) assinala que (...) “o intérprete de língua de sinais é um profissional que deve ter qualificação específica para atuar como intérprete.” Isso quer dizer que este não pode ser um serviço “alternativo” ou de caráter “sacerdotal”, mas profissional.

A tradução vem sendo utilizada há muito pela humanidade, objetivando a ocorrência da comunicação entre seres, quando, por alguma razão, a informação necessita ser decodificada em um sistema de códigos diferente do qual se encontra em primeira instância. Ao processo de sistematização da informação em códigos diferentes dá-se o nome de tradução.

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que “traduzir é passar para outra língua”. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo [...], Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não o seu (RÓNAI, 1976, p.3-4)

Traduzir intenções ou informações parece ser uma necessidade constante no ser humano. A capacidade perceptiva presente nos sentidos aguçados do homem já não pode ser equiparada àquela que pré-historicamente emergia pela busca de sustento ou proteção. Em uma tradução não só passamos o texto de uma língua para outra, como também fazemos um estudo levando em consideração a cultura e a história do povo das línguas envolvidas, para que possam entrar em contato com o cerne do texto original compreendendo-a. Para que o texto seja traduzido para diversas linguagens dentro da língua meta, de acordo com o público-alvo, sem que haja distorções e distanciamentos prejudiciais ao texto original, são necessárias uma série de habilidades.

Por meio da dependência recíproca entre o pensamento e a palavra, evidencia-se de maneira clara que as línguas não são meios para se representar a verdade já conhecida, mas sim para se descobrir a verdade que não se conhecia previamente. Sua dessemelhança não é a de sons e sinais, mas uma dessemelhança das próprias visões de mundo. Aqui se encontra o motivo e o último objetivo de toda pesquisa linguística. A soma do que é cognoscível fica, como um campo a ser trabalhado pelo espírito humano, num ponto médio entre todas as línguas, e independente delas. (WILHELM HUMBOLDT, 2006 In: HEIDERMANN, 2009, p.4).

Neste contexto as línguas de sinais são línguas utilizadas pelas comunidades surdas e apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística e são visuo-espaciais.

A tradução e interpretação da língua de sinais ocorrem quando “o intérprete de língua de sinais realiza a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos: confiabilidade; imparcialidade; discrição; distância profissional; fidelidade.” (Quadros, 2004, p.28).

A tradução e interpretação nas línguas de sinais envolvem não somente duas línguas, mas também duas culturas (ouvinte e surda) e duas modalidades distintas (oral-auditiva e viso-espacial). Requer do intérprete além de competência linguística, técnica específica de tradução de línguas, aspectos cognitivos. Deste modo cabe ao intérprete conhecer elementos que permeiam especificamente essas diferenças.

Quanto mais se reflete sobre a presença dos intérpretes de Língua de Sinais, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação. Mais se percebe que os intérpretes de Língua de Sinais são também intérpretes da cultura, da língua da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade. (PERLIN, 2006, p.137)

Ainda não é muito comum, embora aconteça, entrarmos em contato com a tradução entre as línguas de sinais, pois esse material cultural está em processo de construção. No Brasil, essas experiências estão sendo construídas, e se faz necessárias pesquisas nesse campo, com a parceria de intérprete e surdos no processo de tradução e interpretação, estudo das línguas e das culturas.

[...] a tradução é uma das mais complexas de todas as atividades realizadas pelo homem, implica necessariamente uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão humana que é a produção de significados. Afinal, não é por acaso que até hoje, em nosso mundo cada vez mais computadorizado, não há nem sequer a mais remota possibilidade de que uma máquina venha substituir satisfatoriamente o homem na realização de uma tradução. (ARROJO, 2003, p.10)

O artigo escolhido para a realização dessa reflexão abarca justamente a apropriação da Língua de Sinais por ouvintes, lugar em que o profissional intérprete de Libras se coloca. O artigo aponta vários aspectos que são importantes para a constituição e o aprendizado da Libras pelo adulto ouvinte. Com as demandas que a lei 10.436/02 e o decreto 5626/05 suscitam a intenção é entender como a Libras funciona e considerar que fazer a “transposição” não só em termos de vocabulário, mas de sentido se torna uma tarefa de muita responsabilidade e cuidado para o profissional intérprete.

## 2. Percurso metodológico:

Este trabalho se dá num âmbito qualitativo. Trata-se de uma análise reflexiva de uma prática de tradução interpretação de Língua Portuguesa escrita para a Língua de Sinais de um

artigo científico, sendo em sua primeira versão o produto final de uma disciplina de um curso de formação de intérpretes.

Triviños (1987) indica as seguintes características para a pesquisa qualitativa:

- 1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3ª) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4ª) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5ª) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130)

Como sujeito de pesquisa contou com a pesquisadora, aluna do curso e responsável pela produção da tradução/interpretação instrumento a ser avaliado e colocado a reflexão, que será embasada nos referenciais teóricos estudados ao longo do curso e o produto final, a interpretação analisada à luz dos autores trabalhados em algumas disciplinas.<sup>1</sup>

### 3. Desenvolvimento

#### 3.1 A escolha do artigo e sua importância para a reflexão

O artigo escolhido versa sobre o aprendizado de Língua de Sinais como segunda língua para ouvintes a partir da experiência do pesquisador e autor do material. O artigo em questão é parte de uma série de publicações acerca de estudos da e sobre a Comunidade Surda brasileira. Neste trabalho, ele expõe as dificuldades e facilidades do aprendizado desta segunda língua por ouvintes, a partir do próprio processo de aprendizagem do idioma, comparando-o com a pesquisa de Jacob (1996) sobre a ASL.

O autor afirma que aprender a Língua de sinais como segunda língua é algo complexo. Ele relata uma série de questões que contribui para o aprendizado ou não desta língua, dentre os principais destaca: a diferença de modalidade entre a L1 (língua oral do aprendiz, no caso da pesquisa Língua Portuguesa) e da L2 (língua gestual, neste caso a Libras). Essa diferença de modalidade é marcante porque conta com diversos fatores que não encontramos para fazer uma

---

<sup>1</sup> Introdução aos Estudos da tradução, Estudos da Tradução I, II e III – disciplinas teóricas e na disciplina prática Laboratórios de Interpretação I, II, III e IV.

sobreposição de equivalência entre as duas línguas como, por exemplo: a simultaneidade e a questão da importância da demarcação do espaço presentes nas línguas de sinais.

Outro fator importante que influencia muito no aprendizado desta segunda língua são os mitos que envolvem a língua de sinais (universalidade, forma simplificada da língua oral) e a maneira como é ensinada, como se fosse código e usada simplesmente para a comunicação e não como aquela que alicerça os pensamentos e constrói conceitos. Neste caso, na maioria dos casos temos o ensino de sinais soltos muitas vezes classificados em categoria semântica para depois juntar em frases, cursos com ênfase fragmentos da língua.

[...] a função da língua não se restringe à mera comunicação. A língua, em todas as suas formas possíveis, é essencial na constituição intelectual do ser humano. A língua não serve, em primeiro lugar, para “etiquetar” o mundo – mas para entendê-lo (HEIDERMAN, WERNER, Florianópolis, 2009).

Cita ainda que por causa dos conflitos históricos envolvendo surdos e ouvintes nestes anos de construção de uma educação para surdos, esta relação acaba abalada e com problemas com relação à confiança. O passado histórico cria resistências por parte de alguns membros das duas comunidades fragilizando essa relação. Os surdos entendem que sempre que um ouvinte se aproxima demais da comunidade é com interesse de usurpar informações e produzir materiais e estudos a partir do que eles narram, mas sem lhes dar o devido crédito.

O problema central do artigo, no entanto, é ponderar sobre todos os aspectos envolvidos para o aprendizado desta segunda língua de modalidade diferente, quer dizer aspectos linguísticos e sociolinguísticos, socioculturais, pedagógicos e psicológicos e afirmar que todos estes aspectos influenciam no aprendizado da língua de sinais. O autor afirma que é muito difícil para um ouvinte aprender esta segunda língua, principalmente porque em se falando de pesquisa nesta área, esta se encontra em um campo considerado recente e a própria língua ainda carece da “padronização”, não para formatar, mas para embasar.

Pensar em outra língua não é um exercício fácil, requer pensar em aspectos que vão muito além do vocabulário a escolher. É preciso pensar no público a quem se destina tal tradução, pensar no conhecimento referencial sobre o texto e no próprio tipo de texto que se apresenta. O artigo considerado é de caráter científico, o que pressupõe escolhas não apenas de léxico, mas de estilo.

Nas aproximações culturais e linguísticas que os intérpretes de Língua de Sinais realizam, geralmente, ocorrem processos de desconstrução na forma de ver, pensar e sentir a diferença, possibilitada no contato com as comunidades surdas. Esse intervalo de desconstrução/tradução (que não apenas representa a passagem de uma língua para outra, e de uma cultura a outra) não é estável, livre de tensões,

ao contrário, ele opera com a organização de diferentes processos do campo simbólico e imaginário, que trazem marcas inconscientes [...] muitas vezes, o que se pensa a respeito da língua, da cultura e da subjetividade do outro, no ato tradutório se desmonta como um castelo de areia. (MASSUTI, SANTOS, 2008, p.152-153)

Pensar em quem terá acesso a este material que será traduzido também como bem pontua (Leite, Mcclary, 2009), implica em pensar nos aspectos linguísticos, pedagógicos, psicológicos (do tradutor principalmente) e socioculturais. Um texto acadêmico traz em si pressupostos e necessitam de pré-requisitos, pensar que se trata de um trabalho envolvendo duas línguas de modalidades diferentes, que requer estratégias diferenciadas para que o trabalho possa se materializar em um artigo científico com as características que deve apresentar em também em Língua de Sinais, como traduzir e interpretar referências bibliográficas em como encaminhar as notas de rodapé, etc que são componentes desse gênero textual em Língua Portuguesa.

### 3.2 A realização da Tradução e Interpretação do artigo

Para realizar a tradução de uma língua para outra não é suficiente conhecer todos os sinais ou uma gama de vocabulários científicos. É necessário entender o que se quer dizer e quais as relações que esse dizer tem com quem faz a tradução interpretação.

No caso da interpretação, há uma sutileza a mais. Como aprendem logo cedo os intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia perfeita para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto de valores do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem.” (MAGALHÃES, 2007, p.53-54)

Se não fosse realizado a leitura de todo o capítulo, se não fosse feita uma pesquisa sobre quem era o autor e qual seu envolvimento com as questões da surdez; mesmo que o TILS tivesse conhecimento lexical muito grande na língua, não conseguiria realizar a tradução e passar da língua-fonte para a língua-alvo as informações necessárias. Como pontua Arrojo (2002, p.76), “além da complexa tarefa de dominar as línguas envolvidas no processo, aprender a traduzir significa necessariamente aprender a ler”.

De acordo com August Willemssen:

O tradutor tem de conhecer o país do escritor, até a região ou cidade do escritor e as particularidades linguísticas correspondentes. Tem de saber sobre a época do escritor, a história e a literatura de seu país, bem como a eventual tradição literária em que se situa o escritor. Não adianta ter lido só o livro que pretende traduzir, pois acho que não se deve traduzir um livro, mas um escritor, mesmo que dele se traduza só uma obra. É preciso saber o que o autor leu, quais as suas preferências literárias, o que se escreveu a seu respeito. E preciso saber como as pessoas de seu país convivem, quais as relações entre homem e mulher, qual o cheiro do país, não só o cheiro de arquivos, bibliotecas e livrarias, mas também o cheiro das ruas, das pessoas, da comida, da bebida, tudo. (Fragmentos 1) (GUERINI, PEREIRA apud WILLEMSSEN, 2009, p.18)

Ao nos debruçarmos sobre o artigo escolhido, o título logo nos coloca para refletir: “ESTUDO EM DIÁRIO: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte”. A expressão “em diário” nos faz pensar sobre o que o autor estava dizendo: ele estava falando de uma metodologia de pesquisa ou o uso do diário servia para que ele relatasse tudo pelo que passava e o que sentia, para depois retomar e refletir, problematizar as questões levantadas.

O diário no artigo considerado era uma ferramenta metodológica e não um simples caderno de anotações. Na tradução, caso isso não fosse informado, o entendimento ficaria comprometido. Por isso a decisão do TILS passa pelo entendimento da questão para que o leitor possa ser levado o mais próximo à ideia do autor. Ao invés de um sinal para diário a opção foi digitalizar a palavra diário e explicar que no título diário se tratava de uma metodologia de pesquisa então:

ESTUDAR/ PRÓPRIO/D-I-A-R-I-O/QUE É/ MÉTODO/ PESQUISAR/ ENTENDER/ COMO/ FÁCIL/ OU/ DIFÍCIL/ AJUDA/ OU/ COMPLICAR/ PROCESSO/ APRENDER/ LIBRAS/ QUEM? / PESSOA/ ADULT@/ OUVINTE.

Para realizar a tradução do texto foi primordial a sua leitura e interpretação em L1 (Língua Portuguesa). Entender o texto é um passo importante. É de extrema importância nessa fase da pesquisa sobre outras leituras e a troca de informações com outros. Aqui reside então a justificativa para que os trabalhos de tradução interpretação possam contar com parceiros, duplas no caso dos TILS, sendo primordial para um trabalho de qualidade.

A familiaridade com o tema do artigo também foi de extrema importância para esse trabalho, uma vez que o artigo tratava da aprendizagem de L2 por adultos ouvintes, e esta era realidade pela qual a autora desse trabalho passou. Aprendeu na idade adulta a língua de sinais muito depois de ter a língua portuguesa sistematizada, portanto a maioria dos aspectos a que o

texto se reporta: linguísticos, socioculturais, psicológicos, pedagógicos, estão implicados na interpretação. Contudo, ainda que outros alunos do mesmo curso realizem a interpretação do mesmo texto. ele seria diferente por conta desses aspectos, mesmo que vivam na mesma cidade.

O tradutor, seja profissional e experiente seja aprendiz e iniciante, fala durante seu trabalho e grava o que comenta. O pesquisador analisa depois os comentários do tradutor. É um método muito usado na psicologia que foi aplicado aos estudos cognitivos da tradução. A finalidade é chegar a resultados mais objetivos – mais objetivos do que aqueles atingidos com os métodos mais tradicionais como, por exemplo, a análise do texto ou a análise de erros. Ambos têm um alto grau de avaliação especulativa. O protocolo de verbalização, no entanto, é a tentativa de ver, sentir, ouvir um pouco mais daquele processo enigmático da tradução. (HEIDERMANN, 2009, p. 22)

O artigo está dividido em tópicos, o que facilitou o tratamento da organização do material para o estudo da tradução e interpretação. O texto está dividido da seguinte forma: 1. Introdução, 2. Ensino/aprendizagem de Libras no contexto das novas políticas públicas, 3. É difícil para um ouvinte aprender uma Língua de Sinais? 4. Aspectos relevantes na aprendizagem de Libras como segunda língua por um adulto ouvinte, 4.1. Aspectos linguísticos e sociolinguísticos, 4.2. Aspectos socioculturais, 4.3. Aspectos pedagógicos, 4.4. Aspectos psicológicos e 5. Conclusão.

Além da leitura do artigo foi preciso pensar em cada parte do texto:

#### RESUMO DOS PASSOS DO “PROCESSO PARALELO”

##### PARTE I

1. PROGNÓSTICO INICIAL Identificar possíveis tópicos, objetivos e plateia conforme a informação, título gênero do evento/texto.
2. MAPEAMENTO Esboçar ou diagramar o texto.
3. ATIVIDADE INTRALINGUÍSTICA Criar um novo texto nas próprias palavras/sinais do intérprete, utilizando apenas o esboço ou diagrama.
4. ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS Ver o texto e identificar marcadores e outros dispositivos linguísticos do texto original.
5. CRIAR UMA REPRESENTAÇÃO VISUAL Representar o texto com desenhos, símbolos, etc. Para chegar ao significado sem depender das palavras.
6. PROGNOTICAR CARATERÍSTICAS NA LÍNGUA ALVO Utilizando as informações do número 4, prever quais dispositivos linguísticos na língua alvo poderiam ser equivalentes.
7. VISUALIZAÇÃO Sem ouvir o original, criar um novo texto na língua alvo, utilizando apenas a representação visual criada.

##### PARTE II

8. PROCESSO PARALELO Realizar os passos 1 - 4 com o texto paralelo na outra língua.
9. ANÁLISE CONTRASTIVA Comparação e contraste dos dispositivos utilizados em libras e português. Considerar o prognóstico realizado na etapa 6.
10. INTERPRETAÇÃO Com base na sua análise dos textos nas duas línguas, criar uma interpretação do texto original. (RUDNER, PEREIRA, PATERNO, 2010, p.7-8)

Para essa parte a estratégia utilizada remonta os aprendizados e discussões realizadas durante o curso;

Esta metodologia tem como objetivo permitir o intérprete a discernir significado global de um texto, contemplando uma série de qualidades além da troca de sinais por palavras (e vice-versa) ou “modelo máquina da interpretação”. Tem como fundamento a Análise do Discurso, uma técnica de compreensão da linguagem utilizada em cursos de interpretação de línguas de sinais na América do Norte e na Europa, descrita pelas pesquisadoras e formadoras de intérpretes Elizabeth Winston (diretora do projeto Teaching Interpreter Educators and Mentors da Northeastern University em Boston), e Christine Monikowski (docente em interpretação da National Technical Institute of the Deaf em Rochester– NTID), no livro “Innovative Practices for Teaching Sign Language Interpreters”, organizado por Cynthia Roy da Gallaudet University (2000). (RUDNER, PEREIRA, PATERNO, 2010, p.3)

Pensar nas partes como mencionadas nos passos acima e estudar cada uma delas, realizar a tradução de uma língua para outra não fazendo só a sobreposição de vocabulário, mas acima de tudo pensando nos aspectos culturais e de formação de cada uma das línguas envolvidas.

Ao fazer os exercícios, o aluno desenvolverá uma série de habilidades e pode treinar vários gêneros de interpretação (simultânea, consecutiva, diálogos, monólogos, libras/português, português/libras). Como um conjunto treinam habilidades analíticas, linguísticas (sintaxe, morfologia, fonética, etc.), mas também obrigam o aluno a considerar outros fatores que contribuem à construção de significado como contexto social, questões culturais, relações entre os participantes, conhecimento do assunto em discussões e também a influência/papel/poder de um terceiro (o intérprete) sobre a comunicação. (RUDNER, PEREIRA, PATERNO, 2010, p. 3-4)

Mesmo seguindo estes passos, na hora da realização do trabalho as dificuldades foram aparecendo. Como exemplo, sair da L1 e entrar na L2 pressupunha uma série de concessões muitas vezes difíceis. Outras vezes porque na busca “maluca” pela clareza e na leitura exaustiva do material tudo parecia obscuro.

A interpretação ficou repleta de paráfrases porque foi a escolha considerada a mais acertada para expor as ideias a partir delas, por exemplo ao interpretar o título do texto como já citado anteriormente ou então no trecho da introdução que diz: **“Com o recente redirecionamento do olhar sobre a surdez – de uma perspectiva clínica para uma social...”**, ao invés de investir neste vocabulário optei por parafrasear e ficou: HOJE/ MUDAR /JEITO/ PENSAR /PESSOAS/ SURDAS/ ANTES/PESSOAS/ PENSAR / SURDO/ COITADO/ PROBLEMA/ HOJE/ MUDAR/ SURDO/ PROBLEMA NADA/ PESSOAS/ MUDA/ JEITO/ VER/ SURDO/AGORA SURDO CAPAZ VIDA SOCIEDADE NORMAL. Foi uma escolha de dizer o que o autor disse sob a ótica do TILS.

Além das paráfrases, em alguns momentos os empréstimos linguísticos foram necessários. Por exemplo, o uso da datilologia da palavra em língua portuguesa ao invés de fazer o sinal e o porquê dessa escolha? Geralmente nestes casos, após a digitalização, utilizei-me do recurso da explicação, acreditando que desta forma o entendimento do texto seria mais eficaz. Como exemplo, no caso da palavra “**infraestruturais**”, que na tradução aparece desta forma: I-N-F-R-A-E-S-T-R-U-T-U-R-A-I-S/ SIGNIFICA/ SOCIEDADE/ DENTRO/ ORGANIZAR/.

Listamos aqui algumas das opções tradutórias para a interpretação de alguns dos termos/sentenças do artigo, a partir dessas considerações apresentadas:

- Opção pela explicação: **as últimas duas décadas** 20 ANOS ATRÁS/ PASSADO; **corpo crescente de estudos** PESQUISAS/AUMENTAR; **Língua de sinais parecem exigir um refinamento da visão que os ouvintes precisam desenvolver** LÍNGUA DE SINAIS/ FAZ/ OLHAR/ OUVINTE/ MUDAR/ PROCESSO/ DESENVOLVER/OUVINTE/ PRESTAR ATENÇÃO/ PRECISAR; **base de dados** = LUGAR/PESQUISAS/GUARDADAS.
- Opção pelo uso de sinônimo na língua alvo: **similar** = PARECIDA; **patologia** = DOENÇA; **imprescindível** = MUITO NECESSÁRIO; **empecilhos** = PROBLEMAS/ DIFICULDADES
- Opção pelo uso de soletração: **morfossintático** – M-O-R-F-O-S-I-N-T-Á-T-I-C-O; **pantomima** – P-A-N-T-O-M-I-M-A.

Para realizar a tradução das notas de rodapé, a opção utilizada foi uma breve explicação antes de começar a interpretar o texto para mostrar o sinal que seria usado como marca para as notas de rodapé. O mesmo ocorreu com as referências bibliográficas.

O número de páginas também foi um momento de desafio, já tínhamos realizado um exercício parecido em disciplina, mas nenhum com este volume de trabalho. Um artigo com mais de 25 laudas, referências bibliográficas e notas de rodapé transformavam a atividade num desafio cada vez mais complicado.

### Considerações:

Este trabalho é fruto da avaliação de final de um curso. Ele se mostrou uma ótima oportunidade de reflexão sobre a tradução e interpretação de um artigo científico. À medida que rememoramos o processo, ficou mais evidente a necessidade de profissionalização e estudo por parte do TILS, além de percebermos que saber a Língua de Sinais não é suficiente para o trabalho.

Como bem pontua Skliar, 2003:

Entre três distancias, entre dois textos, que não se separam nada nem em nada, pois tudo está aqui. Minha infidelidade não foi tanta. E porque (outra vez Baudrillard!) o objeto já não é o que era. Ou então, ainda que soe um pouco diferente: é o objeto que nos olha, é o objeto que nos pensa. Ele nos olha e nos pensa incessantemente. O outro nos olha e nos pensa incessantemente. (SKLIAR, 2003, p.20)

Como já descrito, pensar nas e sobre as duas línguas é muito importante e depois seguindo os passos, já citados anteriormente, dividir o texto em partes e colocá-lo no mapa, percebeu-se uma diferença já que os trabalhados no curso eram textos mais curtos, mas muito útil para pensar em como reproduzir o texto sem deixar nenhum ponto importante de lado.

A interpretação entre duas línguas representa um desafio mental. As atividades neste laboratório foram desenhadas para ajudar o intérprete a:

- Entender os processos envolvidos na interpretação;
- Estar ciente das escolhas linguísticas presentes numa situação interpretativa;
- Tomar decisões intencionais e não automáticas na realização da interpretação;
- Proporcionar um entendimento da mecânica da interpretação para que o intérprete possa agir propositalmente e não apenas sendo guiado pela intuição. (RUDNER, PEREIRA, PATERNO, 2010, p.4)

Esse exercício envolveu uma revisão de sentidos e não de vocabulário. A partir deste ponto foi preciso transformar todo o texto em Libras e procurar equivalentes que não fossem apenas lexicais. O tipo de tradução escolhida então, não foi a baseada no vocabulário, traduzir palavra por palavra, mas utilizando os conhecimentos acumulados no curso.

A partir do mapa em Língua Portuguesa, foi realizada a montagem do mapa em Libras e a partir dele a realização da interpretação de fato. Foi necessário filmar muitas vezes, sendo preciso repetir algumas vezes. O resultado final não foi o melhor para aquele momento, ainda que tenha sido pensado, organizado e planejado.

O processo tradutório é algo realmente muito sério e complexo que não pode ser definido como uma simples correspondência entre vocabulários (sinal – palavra), porque ao mesmo tempo em que é fascinante, ao nos permitir mediar e participar da construção de um conhecimento é também perigoso se não forem considerados os processos teóricos envolvidos.

A responsabilidade que a figura do intérprete de Libras carrega é inegável e seu papel social é igualmente necessário. Principalmente com a visibilidade que a Libras ganhou desde o seu reconhecimento através da Lei 10.436/02 e do Decreto 5626/2005, Legislação esta que inclusive apresenta a necessidade de que profissionais com formação adequada, em seu capítulo V, que versa sobre a formação do tradutor intérprete de Libras – Língua Portuguesa, “Art. 17. A

formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005), “Ser Intérprete é conflitar sua subjetividade de não surdo e surdo, é moldar seu corpo a partir da sua intencionalidade, reaprender o universo do sentir e do perceber, é uma mudança radical onde a cultura não é mais o único destaque do ser.” (MARQUES, OLIVEIRA, 2009, p. 397)

## Referências

ARROJO, R. 2003. Oficina de tradução: a teoria na prática. 4. Ed. São Paulo: Ática.

BRASIL. 2005. Decreto nº 5626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm) acesso em 07/07/2019.

\_\_\_\_\_. 2002. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/10436.htm) acesso em 05/07/2019.

GESSER, Audrei 2011. Texto base da disciplina Tradução e Interpretação da Libras II., Florianópolis, Editora CCE/UFSC

HEIDERMAN, W. 2009. Texto base da disciplina Estudos da Tradução III, Florianópolis, Editora CCE/UFSC.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. 2009. Intérprete de libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP.

LEITE, T. de A, MCCLEARY, L. 2009. Estudo em diário: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte, In: Estudos Surdos IV, Petrópolis, RJ: Arara Azul.

MAGALHÃES JR, Ewandro. 2007. Sua majestade, o intérprete – O fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial.

MASUTTI, Maria Lúcia, SANTOS, Silvana Aguiar dos. 2008. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção: In: Estudos Surdos III, Petrópolis, RJ: Arara Azul.

MARQUES, Rodrigo Rosso, DE OLIVEIRA, Janine Soares. 2009. O fenômeno de Ser intérprete. In: Estudos Surdos IV, Petrópolis, RJ: Arara Azul.

---

PERLIN, Gladis. 2006. A cultura e os intérpretes de Língua de Sinais. ETD – Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun/p.135-146.

QUADROS, R. M. 2004. O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial/Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP.

RÓNAI, Paulo. 1976. A tradução vivida. Rio de Janeiro: EDUCOM.

RUDNER, Aaron, PEREIRA, Maria Cristina Pires, PATERNO, Ueslei. 2010. Texto base da disciplina Laboratório de Tradução I. Florianópolis, Editora CCE/UFSC.

SILVA, D.N.H. 2002. Como brincam as crianças surdas, São Paulo: Plexus Editora. 2ª edição.

SKLIAR, Carlos. 2003. Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí? Tradução: Giane Lessa, Rio de Janeiro, DP&A.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. 1987. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

VASCONCELLOS, Maria Lucia, BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio. 2009. Texto base da disciplina Estudos da Tradução I. Florianópolis, Editora CCE/UFSC.